International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-8, Issue-3; Mar, 2021
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Journal DOI: 10.22161/ijaers
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.83.45

Internationalization of Higher Education: The influencing factors in the Decision Making Process of International Students at UFPI

Karen da Rocha Oliveira[1], Alexandre Rabêlo Neto[2], Antônio Vinícius Oliveira Ferreira[3], Maria de Lourdes de Melo Salmito Mendes[4], Marcelo de Jesus Rodrigues da Nóbrega[5], Ana Luiza Carvalho Medeiros Ferreira[6]

[1,2,3,4]Campus Universitário Ministro Petrônio Portella s/n - Ininga, Teresina - PI, 64049-550,
[5]Avenida General Canabarro, 229, Sala E322/06
[6]Avenida Marechal Castelo Branco, 800 Teresina-PI

Received: 25 Nov 2020;

Received in revised form:

11 Feb 2021;

Accepted: 03 Mar 2021;

Available online: 31 Mar 2021

***Keywords*— International students; PEC-G; Push and Pull Factors; Internationalization; Public Higher Education Institutions.**

***Abstract*— The Internationalization aspects of a Higher Education Institution can be evidenced through the decision-making process and the factors that attract (pull) students to a certain Federal Higher Education Institution and the factors that compel (push) students to leave their home countries (or provenance) according to educational aspirations. This study, in this sense, sought to verify which factors influenced former international students from the Federal University of Piauí (UFPI) linked to the Students-Graduate Agreement Program (PEC-G), also describing their impressions regarding the experience at UFPI. Data were collected through individual interviews and qualitatively interpreted through content analysis. The documentary analysis of the Institutional Development Plan (PDI) of UFPI was also used for the period between 2015 and 2019. The study of the decision-making process elucidated new notions regarding the impact of five factors (Effect of Country of Provenance, Effect of Host Country, Effect Institution of Destination, Image of the City, and Personal Reasons) in the choice of international students at UFPI, thus contributing to a better understanding: of the institutionalization of activities related to internationalization, of the internationalization background that influence the decision-making process, and of the expectations of international students from UFPI.*

I. INTRODUÇÃO

A observação, sistematização e explicação da internacionalização das universidades públicas federais brasileiras é o leme que direciona o objetivo principal desta pesquisa, que é: *analisar os antecedentes de internacionalização que impactam no processo decisório e impressões de alunos internacionais da Universidade Federal do Piauí vinculados ao PEC-G*.E, em relação aos objetivos específicos da pesquisa, eles são:

a) Identificar quais fatores influenciam estudantes internacionais a frequentar a UFPI;

b) Identificar o processo decisório dos estudantes vinculados ao PEC-G;

c) Descrever as impressões dos estudantes internacionais vinculados ao PEC-G em relação à vivência na UFPI.

Buscou-se explorar questões que surgiram ao longo do levantamento teórico dentro do contexto de um caso único, ou seja, de uma IES que está em processo de desenvolvimento e amadurecimento da sua estratégia internacional e utilizou-se os entendimentos dos ex-alunos do PEC-G – e o que esteve envolvido em seus processos decisórios – para criar uma ponte entre os dois lados da internacionalização (a acadêmica e a institucional).

II. REFERENCIAL TEÓRICO

Abrangeu-se a fundamentação teórica através da revisão da literatura e versou-se sobre os modelos adotados no tocante a temas relevantes, (COOPER, 1998). Incluiu-se também considerações relativas ao: processo decisório estudantil, às Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Brasil; à Internacionalização das IES, ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G); e, ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Essas construções teóricas (além das relações entre elas) consolidaram-se, por conseguinte, como “medidas" do que era conhecido e desconhecido no corpo do trabalho, permitindo um passo em direção à transparência e lisura do estudo.

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO: O ASPECTO INSTITUCIONAL

A internacionalização é uma integração, infusão, um processo dinâmico – e não um conjunto isolado de atividades – que contribui para que a sustentabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão atinjam uma dimensão intercultural (De Wit, 2002). Três grandes razões justificam a internacionalização da educação superior: a) interesse em segurança global; b) manutenção da competitividade econômica; e c) compreensão entre nações (Qiang, 2003).

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO: O PROCESSO DECISÓRIO

Pesquisas com alunos internacionais mostraram que a mobilidade estudantil pode criar em seus participantes uma consciência de engajamento global que envolve cinco dimensões distintas: i) engajamento cívico; ii) produção de conhecimento; iii) filantropia; iv) empreendedorismo social; e v) vida simples (minimalismo) (PAIGE; FRY, 2005). Além das posteriores escolhas educacionais e de carreiras, existem impactos pessoais gerados pela experiência de migração, entre eles: maior independência, habilidades relacionadas ao pensamento crítico, e potencial para liderança (Earnest, 2003). Estudantes migrantes buscam incorporar de maneira seletiva os aspectos da cultura do país anfitrião que eles apreciam (Obst et al. 2007) e possuem maior interesse em entender o mundo; tentam formar uma identidade global, e tendem a não rejeitar uma cultura em detrimento de outra (Obst et al. 2007, 2007).

McMahon (1992) conduziu uma pesquisa utilizando dados de 1960 a 1970 e constatou que são *push factors:* o nível de prosperidade econômica do país de proveniência, o envolvimento político global do país de proveniência, e as oportunidades educacionais disponíveis no mesmo. E que são *pull factors:* a cooperação econômica entre o país anfitrião e o país de proveniência. Outros fatores podem ser identificados na Figura 1 que sumariza as constatações de Mazzarol et al. (2002).
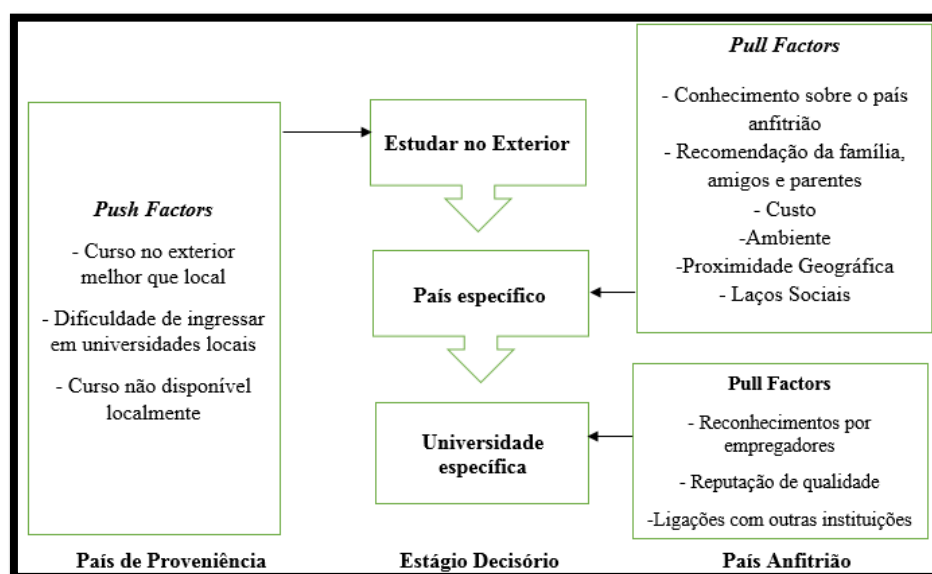
Fig.1 – Push Factors e Pull Factors

Fonte: Adaptado de Mazzarol et. al. (2002)

Em resumo, o comportamento favorável à internacionalização afeta o conjunto de relacionamentos organizacionais internos e externos, gera *feedback* institucional e, ao longo do tempo, influencia o desempenho da IES (Oviatt et al., 2005).

2.3 EFEITO PAÍS DE PROVENIÊNCIA

Mazzarol et al. (2002) desenvolveram uma pesquisa com quase dois mil e quinhentos estudantes de diferentes países asiáticos que cursaram pós-graduação na Austrália. A partir da análise dos dados coletados, os pesquisadores compilaram uma série de *push factors* – relacionados ao país de proveniência (ou país de origem) dos estudantes – e também *pull factors* relacionados ao país anfitrião (no caso, a Austrália) e sua atratividade.

Eles apontaram que laços políticos e econômicos entre os países de proveniência e o país anfitrião são importantes, pois ajudam na familiaridade com o país estrangeiro (Mazzarol et al., 2002). Peacock et al. (2009), por sua vez, apontaram que estereótipos (ideias pré-concebidas) de alunos locais e alunos internacionais causam impressões erradas e desencorajam tentativas de amizades entre eles. Além disso, observaram que, quando alunos locais e internacionais não desenvolvem amizades entre si, eles passam menos tempo juntos e isso prejudicava o processo de trocas culturais como um todo (Peacock et al., 2009).

2.4. EFEITO PAÍS ANFITRIÃO

O Efeito País Anfitrião – equivalente à expressão inglesa *Country of Origin Effect* – no entanto, não é equivalente à concepção de *Imagem País*. Ele é abordado academicamente como variável que afeta as decisões de estrangeiros que possuem interesse em praticar qualquer forma de atividade no país anfitrião, desde lazer até investimentos (Silva, 2014) e, no contexto dessa pesquisa, não se relaciona aos níveis de percepção de qualidade de uma marca (Pappu, 2006) e sim à percepção de um lugar (o que está ligado à ideia de *Soft Power*).

Hard Power e *Soft Power* têm um ponto de conexão: ambos envolvem a habilidade de atingir objetivos afetando o comportamento dos outros (NYE JR, 2005). No entanto, a diferença entre os dois conceitos está, principalmente, na natureza do comportamento e na tangibilidade dos recursos utilizados para esse fim: *Soft Power* envolve a habilidade de moldar o que os outros querem e contrapõe-se ao poder de comando (*Hard Power*) por não implicar indução ou coerção (Figura 2)(Nye Jr, 2005).
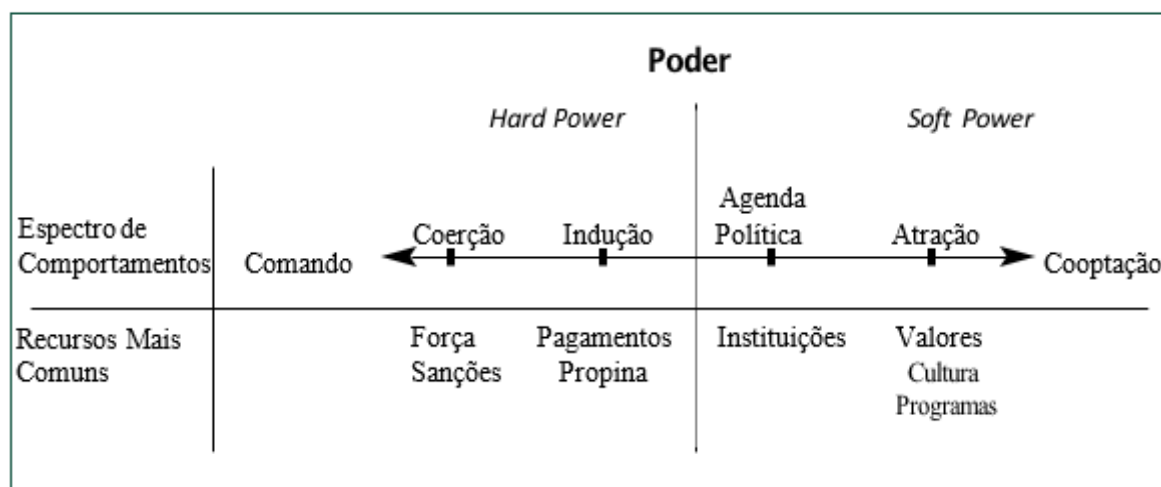
Fig.2 – Soft Power e Hard Power

Fonte: Adaptado de Nye Jr. (2005)

2.5 EFEITO INSTITUIÇÃO DE DESTINO E IMAGEM DA CIDADE

A maioria dos mecanismos de agências que ranqueiam universidades – como os da *Times Higher Education* e da *Quacquarelli Symonds (QS)* – são concebidos para essa realidade do "primeiro mundo", que conta com sistemas educacionais construídos sobre os ombros de séculos de patrimônio científico (Kelleher, 1995). Assim, nem todos os indicadores são "justos" quando aplicados para avaliar universidades com raízes em países em desenvolvimento. É necessário, portanto, que haja instrumentos próprios – como a iniciativa introduzida pela Folha de São Paulo no ano de 2012 (Ranking Universitário Folha, RUF) – que incluam apenas critérios, indicadores e IES nacionais. O RUF observa apenas cinco indicadores: pesquisa, inovação, ensino, mercado e, é claro, grau de internacionalização.

Esse fator (imagem da cidade), no entanto, não foi tão enfatizado neste estudo devido à ausência, por parte dos estudantes, de informação suficiente para gerar padrões de análise e comparação de Teresina no momento da escolha pelo PEC-G.

2.6 RAZÕES PESSOAIS

As indagações levantadas nesta pesquisa, ao recorrer a indivíduos que já passaram pela fase de prospecção e foram estudantes com interesse em ingressar em uma IES brasileira, abordaram também variáveis de cunho pessoal. O processo de tomada de decisão dos estudantes em análise foi, portanto, visto como uma seleção individual, influenciada por opiniões pessoais, que não envolveu consenso, mas que reconheceu e precisou os papéis dos sujeitos que ajudaram a motivar a decisão (Rowley, 1997).

2.7 PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO (PEC-G)

Em 1964, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) foi constituído com o objetivo de cooperação internacional educacional e também teve como alvo preferencial outros países em desenvolvimento. A criação desse programa surgiu como consequência do *boom* da imigração estudantil estrangeira no Brasil a partir da década de 60. O intuito era suprir a indispensabilidade de “unificar as condições de intercâmbio estudantil”, garantindo tratamento semelhante aos estudantes internacionais por parte de todas as universidades brasileiras dispostas a recebê-los (Miyamoto, 2009).

O objetivo do programa é formar e qualificar estudantes estrangeiros, ofertando vagas gratuitas em IES brasileiras (que disponibilizam vagas para suprir essa demanda extraordinária) e a responsabilidade pela implementação do Programa é conjunta: abrangendo tanto o Ministério das Relações Exteriores quanto o Ministério da Educação (Brasil, 2013). O Ministério das Relações Exteriores, nesse cenário, é responsável por “coordenar os procedimentos relativos à implementação do PEC-G junto a governos estrangeiros por intermédio das missões diplomáticas e repartições consulares brasileiras” (Brasil, 2013) e ao Ministério da Educação compete “coordenar os procedimentos referentes à adesão das IES ao PEC-G, oferta das vagas, seleção e matrícula dos candidatos e acompanhamento do programa” (Brasil, 2013, p. 1). É o próprio órgão (MEC) que estabelece, por exemplo, o número total de vagas ofertadas anualmente.

As IES, no entanto, possuem autonomia para determinar os cursos de graduação que serão disponibilizados e o Ministério da Educação não está autorizado a interferir em questões de natureza acadêmica – uma vez que essa prerrogativa recai somente sobre a Instituição de Ensino que integra o Programa e não a nenhum dos Ministérios (Brasil, 2013).

O governo brasileiro resolveu financiar e regular amplamente a educação superior não só para os alunos nacionais, mas também para alguns estrangeiros – oferecendo, através do PEC-G, educação de qualidade a um custo razoável. Esse fator financeiro (gratuidade quase que completa das universidades públicas aliada a um custo de vida baixo de algumas cidades) é também o que atrai os estudantes de países cuja disponibilidade de recursos é escassa e de onde nem os mais favorecidos conseguem superar as dificuldades relativas à instabilidade política e econômica local (Tan, 2014).

2.8 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ E O PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL 2015-2019

A UFPI possui, atualmente, sete convênios para intercâmbio com instituições estrangeiras. No entanto, seus principais empreendimentos de internacionalização – de iniciativa própria ou promovidos pela CAPES – são parcerias internacionais ou interinstitucionais que foram celebradas objetivando o envio de alunos locais a universidades de países não periféricos.

As metas relacionadas à internacionalização para o quinquênio 2015-2019, nesse contexto, são: a) estimular a realização de convênios internacionais de cooperação técnico-científica; b) consolidar o centro de línguas estrangeiras e criar laboratórios de ensino de línguas nos diferentes Campi; c) ampliar o processo de mobilidade local, nacional e internacional; e d) ampliar as ações de internacionalização em outros Campi fora de sede (PDI/UFPI, 2015, p. 241). E a consolidação fática dos instrumentos de cooperação institucional voltados à internacionalização vem ocorrendo desde 2005, com a criação da Assessoria Internacional (ASSINTER), órgão encarregado de: a) estabelecer parcerias com outras universidades e/ou instituições de interesse acadêmico internacional, especialmente aquelas localizadas fora do país; b) divulgar editais com oportunidades para que alunos, professores e funcionários administrativos participem de atividades, cursos, projetos, pesquisas e programas no exterior; c) apoiar e facilitar o acolhimento de alunos beneficiários de acordos de natureza internacional (PDI/UFPI, 2015).

III. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como paradigma a investigação qualitativa e foi delineada a partir da utilização dos preceitos do estudo exploratório. Este estudo tentou seguir os ensinamentos de Burns (1989) – o qual difundiu padrões formais para avaliar a validade da pesquisa qualitativa

(Burns, 1989) – que proporcionam legitimidade à abordagem de pesquisa e são relacionados a cinco pontos específicos: i) relevância heurística (analisar se o estudo tem ou não significado e relevância para aqueles que o leem); ii) precisão analítica (abstrações desenvolvidas ao longo da pesquisa se encaixam umas nas outras e são realmente plausíveis); iii) conectividade teórica (estudo claramente expresso, logicamente consistente, refletindo dados, e compatível com a base de conhecimento já existente); iv) vivacidade descritiva (leitores cientes de tudo o que cerca ou interage com o fenômeno em estudo, incluindo a voz do pesquisador); e v) congruência metodológica (BURNS, 1989). A congruência metodológica, nesse contexto, incluiu quatro dimensões: rigor na documentação; rigor processual; rigor ético; e auditabilidade (Burns, 1989).

3.1 ESTRATÉGIAS DE COLETA DE DADOS

Foram coletados dados primários (produto de entrevistas individuais e/ou por via telefônica) e utilizados dados secundários (artigos científicos, teses, dissertações e documentos). Foi selecionada a metodologia qualitativa e o desenho de pesquisa alinhado ao estudo exploratório. A unidade de análise foi uma IES piauiense que está em processo de desenvolvimento de sua estratégia de internacionalização. E os sujeitos foram indivíduos que cursaram graduação (em qualquer área de formação) na Instituição Federal Pública em análise, concluindo o curso antes ou durante o ano de 2015 (ano em que o Plano de Desenvolvimento Institucional atual entrou em vigor).

Os métodos de amostragem selecionado foi a amostragem não-probabilística do tipo *Snowball* (ou bola de neve) (Robson, 2011) – em razão de se estudar uma população de baixíssima incidência.

As respostas foram categorizadas nos moldes dos fatores de influência estudados no referencial teórico e, para efeito de organização dos dados coletados, as perspectivas dos respondentes foram apresentadas, via de regra, em ordem cronológica crescente relativa ao ano de conclusão. Tornou-se mais viável, desse modo, diagnosticar possíveis mudanças ou evoluções em relação às políticas da universidade.

O Quadro 1 abaixo foi desenvolvido para esquematizar os dados dos respondentes:

Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados

Código	Idade	Sexo	País de Proveniência	Curso	Ano de Conclusão (Graduação)
E1	35	F	Cabo Verde	Serviço Social	2005
E2	32	M	Guiné-Bissau	Ciências Sociais	2006
E3	30	F	Cabo Verde	Nutrição	2011
E4	30	M	Cabo Verde	Ciência da Computação	2012
E5	28	M	Cabo Verde	Medicina	2014
E6	31	M	Camarões	Medicina	2015
E7	28	M	Guiné-Bissau	Ciência da Computação	2017

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados da pesquisa (2018)

3.3 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE DE DADOS

Quanto à análise de dados, nesta pesquisa, optou-se pela utilização de técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 2011), uma vez que buscou-se entender a realidade operacional da Universidade Federal do Piauí partindo da perspectiva de estudantes que já haviam enfrentado o processo de escolha da instituição e já haviam assimilado como funciona o processo de aclimatação com a universidade (Knight, 2004).

Os dados obtidos através dos instrumentos propostos foram sistematizados qualitativamente por meio da análise de conteúdo categorial por temática (Bardin, 2011) – que teve como foco a identificação dos principais fatores de influência evidenciados a partir das falas dos entrevistados, reinterpretando e ressignificando categorias já apresentadas na literatura. Utilizou-se a análise de conteúdo, nos moldes propostos por Bardin (2011) e, portanto, seguiu-se uma ordem de procedimentos. As inferências e as interpretações foram utilizadas para tratar os resultados e agrupá-los em 6 categorias analíticas (que foram devidamente abordadas na seção de fundamentação teórica deste estudo): a) Efeito País de Proveniência; b) Efeito País Anfitrião; c) Efeito Instituição de Destino; d) Imagem da Cidade; e) Razões Pessoais.

Além da avaliação dos objetivos, os achados da pesquisa foram discutidos e comparados com a literatura apresentada, constituindo o arcabouço para a construção de algumas sugestões e recomendações que tem potencial para

gerar aprimoramentos no processo de recrutamento da UFPI.

IV. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 EFEITO PAÍS DE PROVENIÊNCIA

Observou-se, quanto ao Efeito País de Proveniência (Peacock et al., 2009) na escolha da UFPI pelos estudantes do PEC-G, convergência entre o que foi constatado nas pesquisas de Peacock et al. (2009) e os depoimentos coletado.Segundo os autores, os fatores políticos, sociais e econômicos do país de proveniência são importantes no momento de decidir pela não permanência no país natale, de acordo os ex-alunos da UFPI.

Outros fatores ligados à nação de origem dos entrevistados (*Push Factors*) também foram apresentados nas falas como relevantes para a decisão de estudar no exterior. Assim, os resultados advindos deste estudo convergiram com as respostas obtidas por Tan (2014) em sua análise do processo decisório estudantil internacional. Segundo ele, a indisponibilidade de ensino superior; a valorização da graduação estrangeira; a capacidade financeira; a instabilidade política; e melhores oportunidades de emprego ao retornar são alguns dos fatores que impulsionam os estudantes. e nesta pesquisa constatou-se que:

> “Não tinha Faculdade de Medicina no meu país.” (E5)

> “Decidi estudar no Brasil uma vez que Cabo Verde não possuía Curso Superior de Serviço Social.”(E1)

Os achados, nesse sentido, corroboraram a tese de Maringe et al. (2007) que apontaram a relevância de laços históricos entre países como fator de influência no movimento de estudantes em determinada direção. E apontaram que países pouco desenvolvidos ou em desenvolvimento que foram colônias de países desenvolvidos tendem a gerar um fluxo migratório estudantil em direção aos países mais desenvolvidos (Maringe et al., 2007).

> “O meu país é bem menos desenvolvido do que o Brasil e isso significa mais oportunidade de crescimento científico e financeiro, então a escolha não foi difícil. (E6)

4.2 EFEITO PAÍS ANFITRIÃO

Os discursos dos ex-estudantes evidenciaram também as características do país de destino que os atraíram, corroborando os estudos de Mazzarol (1998) e a conceituação descrita na literatura referente aos fatores de atração e repulsão (Agarwal et al., 1985; Mazzarol et al., 2001). Segundo os entrevistados:

> “As características do Brasil que me atraíram foram novela, carnaval, futebol e a possibilidade de interação melhor em termos de relações interpessoais […] os guineenses têm boa impressão do Brasil, existe facilidade na comunicação linguística […] o PEG-G da oportunidade aos guineenses.” (E2)

Entre as peculiaridades dos serviços de educação oferecidos internacionalmente está o fato de que o país de destino – local onde o serviço é oferecido – não é o lugar onde a aquisição do serviço é realizada (geralmente, no país anfitrião) (Cubillo et al, 2006).

4.3 RAZÕES PESSOAIS

Segundo Pimpa (2003), o processo decisório de aquisição de serviços profissionais (por exemplo, educação, turismo e seguros) é mais fortemente influenciado por “grupos de referência” (como família, amigos) que acabam informando o processo:

> “Amigos influenciaram minha decisão de estudar no Brasil. Eu tenho amigos brasileiros que residiam em Cabo Verde e que me influenciaram a estudar no Brasil. Em Teresina, eu tinha um amigo também de Cabo Verde que era estudante.” (E1)

Para Mazzarol et al. (2002), resumidamente, os estudantes consideram e comparam as oportunidades e benefícios encontrados em cada local, mas também ponderam as indicações das pessoas que os rodeiam e os laços sociais que podem vir a ter no local que escolheram (amigos ou parentes que vivem ou viveram no país anfitrião). Assim, o segundo entrevistado destacou que:

> “[Foi um] amigo do meu pai influenciou minha decisão de estudar no Brasil[...] Durante a inscrição do processo seletivo na Guiné-Bissau, um amigo do meu pai que é brasileiro e funcionário da embaixada do Brasil na Guiné-Bissau me

> indicou Teresina por ter custo de vida muito baixo e universidade de alta qualidade em ralação aos outros Estados.” (E2)

Os achados, portanto, corroboraram a pesquisa de Rowley (1997), a qual afirmou que o fator razões pessoais possui utilidade na previsão do comportamento de alunos que se encontram na fase de prospecção (Rowley, 1997).

4.4 IMAGEM DA CIDADE

Em relação à Imagem da Cidade, é possível apontar que, para alguns entrevistados, esse aspecto não foi um fator gerador de significações, uma vez que a cidade de Teresina não possuía grande apelo internacional ou atratividade em certos países de origem dos respondentes. Percebeu-se, em última instância, que o papel da cidade nas escolhas é relativo e ocorre em graus diferentes dependendo do nível de divulgação, de potencial turístico e de reconhecimento internacional da cidade (Cubillo et al., 2006). Isso ficou evidente nas seguintes afirmações:

> “Nunca tinha ouvido falar em Teresina.” (E4)

> “Não conhecia Teresina antes do curso.” (E5)

Porém, outros fatores como o custo de vida, clima, imagem e tamanho da cidade também poderiam ter influenciado a decisão de estudantes (Bodycott, 2009) se Teresina fosse uma cidade com reputação internacional mais amplamente difundida nos países participantes do PEC-G.

4.5 EFEITO INSTITUIÇÃO DE DESTINO

Oviatt et al. (2005) – ao desenvolver um modelo sobre as forças que influenciam a velocidade de internacionalização – constataram que a velocidade da internacionalização de uma IES é influenciada pela tecnologia, motivada por concorrência e moderada pelas *redes internacionais e pela intensidade de conhecimento da oportunidade*. As instituições públicas de ensino brasileiras, nesse contexto, encontram-se totalmente alinhadas à essa visão, pois, através do MEC, elas têm investido com abundância em programas internacionalizantes que oferecem oportunidades a alunos estrangeiros e difundem a sua existência. Não obstante, a seleção ou determinação da instituição de destino não foi o principal fator de atração dos estudantes, porque, em alguns casos, não foram sequer oferecidas a eles opções de instituições:

> “A UFPI foi a única instituição que calhou, porque tinha duas instituições que escolhi, mas no fim me deram na UFPI [...] foi a única opção que me foi dada […] porque queria o curso de Nutrição, queria fazer um curso na área da saúde.”(E3)

Constatou-se que, durante o processo decisório dos estudantes entrevistados, também foram determinantes para a seleção da UFPI: a qualidade do ensino, os cursos ofertados, e a localização da universidade em uma cidade onde o custo de vida é baixo (Mcmahon, 1992). Os trechos extraídos das entrevistas respaldam:

> “Acredito que, no meu caso, [...] universidade de boa qualidade foi fundamental pela minha escolha.” (E2)

> “Construí uma imagem [de Teresina] já aqui no Brasil, pois passei 9 meses em Recife estudando português. Só se ouvi coisas negativas, referente a pobreza e condições climáticas desagradável (sic). […] vim pra Teresina mesmo assim porque sempre ouvi coisas boas a respeito do curso e da faculdade de medicina da UFPI”. (E6)

4.6 SUMARIZAÇAO

Em parâmetros gerais, os entrevistados abordaram concisamente os fatores em estudo e refletiram bem acerca do “efeito país de proveniência”, do “efeito país anfitrião” e do “efeito Instituição de destino”, além de serem claros acerca dos elementos “imagem da cidade” e “razões pessoais”. Dessa forma, os *push and pull factors* e os demais fatores de influência compilados durante a análise do acervo bibliográfico e identificados no processo decisório dos estudantes do PEC-G da UFPI entrevistados parecem bem esclarecidos no que se refere às experiências investigadas.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu do pressuposto que o processo de internacionalização (assim como o de democratização) de uma IES é sempre incompleto e ativo (Giroux, 2004) e que pequenos passos devem ser dados em direção a um futuro universitário mais democrático. Ofereceu-se, assim, uma abordagem diferenciada e focalizada da internalização; uma abordagem que deu voz a diferentes sujeitos e examinou-se a internacionalização a partir de um contexto específico (processo decisório), utilizando um objeto próprio (uma Instituição Federal de Ensino Superior brasileira) e adotando a perspectiva de um grupo particular de estudantes (os

vinculados ao PEC-G). Buscou-se sintetizar fatores que, de acordo com a literatura, tendem a influenciar a internacionalização de universidades e relacionou-os às expectativas e experiências de alunos estrangeiros participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G).

Neste estudo, não se tentou controlar a multiplicidade de fatores envolvidos no fenômeno sob investigação e sim explorar a complexidade de categorias envolvidas no processo decisório, e aproveitou-se uma estrutura útil (categorização) para organizar dados o que facilitou a sistematização das conclusões.

Em se tratando do alinhamento dos achados de pesquisa aos objetivos estabelecidos houve coerência, pois: a) os fatores que influenciaram a decisão dos estudantes internacionais entrevistados de frequentar a UFPI foram identificados e expostos na seção anterior, com destaque à influência do Efeito País de Proveniência, do Efeito País Anfitrião e das Razões Pessoais nas escolhas dos estudantes internacionais da UFPI vinculados ao PEC-G; b) o processo decisório dos estudantes vinculados ao PEC-G foi devidamente esclarecido quando os entrevistados responderam às perguntas P5 a P8, trazendo à tona a importância de cada fator ou categoria de análise estudada (Efeito País de Proveniência, Efeito País Anfitrião, Efeito Instituição de Destino, Imagem da Cidade, e Razões Pessoais); e c) as impressões dos estudantes internacionais vinculados ao PEC-G em relação à vivência na UFPI.

Verificou-se, nesse contexto, que grandes ações ou projetos que tenham potencial para impactar no processo decisório dos alunos vinculados ao PEC-G ainda estão por surgir, pois as políticas institucionais, de modo geral, não incluem muitas medidas para atração e/ou melhor acolhimento de alunos advindos de países em desenvolvimento (conforme PDI UFPI 2015-2019). Os ex-alunos PEC-G participantes da pesquisa, por exemplo, mencionaram pouquíssimos fatores que diferenciam a UFPI (apenas sua localização e da qualidade de determinados cursos).

Existe a necessidade de responder aos questionamentos – implícitos ou subconscientes – do meio acadêmico quanto ao mérito e ao direito de os estudantes PEC-G estarem ocupando determinada vaga. Faz-se necessário, assim, que as pró-reitorias, coordenadorias e departamentos se empenhem na divulgação do programa – razões de existência, métodos de seleção, concessão de vagas, situação financeira dos alunos, e realidade dos países participantes – para os discentes e na capacitação dos docentes e técnicos que lidam com os estudantes-convênio direta ou indiretamente. Pois, além de atenuar o desconhecimento sobre os mecanismos de funcionamento do PEC-G reduzir-se-á a ignorância, o preconceito local, e o sentimento de não pertencimento por parte dos alunos vinculados ao PEC-G.

As próprias salas de aula – locais ideais para se experimentar os benefícios da diversidade (Hurtado, 2005) – poderiam facilitar as interações entre alunos “diferentes”, pois os alunos entrevistados sentiram falta de processos (gerenciais e de ensino/aprendizagem) direcionados a ajudar os locais a se engajarem em uma reflexão crítica sobre condições sociopolíticas desumanas a que seus colegas estrangeiros são submetidos em seus países de origem. As IES, nesse sentido, poderiam facilitar a socialização intercultural e evitar momentos traumáticos que afetam profundamente a experiência na universidade. Assim, ações podem ser tomadas para que certas desventuras estudantis (resultantes do preconceito e da falta de suporte) deixem de existir.

É preciso que os estudantes vinculados ao PEC-G desfrutem de acompanhamento pedagógico especializado e aconselhamento ou orientação profissional de um psicólogo (para seja possível diagnosticar as situações que dificultam o aprendizado e a convivência dos mesmos dentro e fora sala de aula).

Tratando-se de impressões positivas, tanto a cidade quanto a IES em análise também deixaram marcas nos estudantes relacionadas a características identitárias (culturais, humanas, linguísticas), adquirindo cada vez mais importância para os mesmos durante os anos de curso, apesar de nem sempre terem sido fatores determinantes durante o processo decisório dos mesmos (Cubillo et al., 2006). Percebeu-se, assim, que mesmo aqueles que não haviam declarado preferência por Teresina ou pela UFPI antes de serem alunos acabaram desenvolvendo conexões e laços afetivos com a cidade.

A Imagem da Cidade, apesar de não ter influenciado fortemente a decisão final dos alunos na fase de prospecção, foi destacada como ponto alto dos tempos de universidade. Ela não só afetou a experiência, como também foi guardada como lembrança boa dos anos de graduação.

A ampliação da ASSINTER e a lotação de servidores nela colaboraria não só para o melhor acompanhamento dos alunos intercambistas, mas também para transformar a assistência aos alunos do PEC-G em uma tarefa especializada, desafogando também os setores atualmente encarregados.

O posicionamento atual (do PDI) reflete ainda a priorização de apenas um aspecto da internacionalização: aquele voltado para extensão, pós-graduação e fluxos Norte-Sul. O documento favorece expressamente o intercâmbio internacional de docentes e discentes e o fomento da internacionalização dos programas de pós-graduação da instituição (PDI/UFPI, 2015, p.237-242) – reforçando a

mobilidade que visa o envio de estudantes locais e não o acolhimento de estudantes internacionais.

A instituição precisará melhorar seus processos para que os estudantes internacionais que frequentem seus *campi*; e terá que diversificar, refinar, robustecer e acelerar seu processo de internacionalização para permitir a exposição de seus alunos a ambientes culturalmente diversos.

O que identificamos na UFPI, através do discurso de seus ex-alunos e da análise do seu PDI 2015-2019, foi uma instituição que está se preparando para agregar um conjunto de características inegavelmente positivas sob a ótica do que está sendo estudado. Reconhece-se, em âmbito estratégico, que o futuro da internacionalização depende do grau de investimento, cooperação, parcerias internacionais e compartilhamento de conhecimento com vista a ganhos no longo prazo e, de modo geral, isso já reflete uma postura proativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] Aigner JS, Nelson P, Stimpfl JR (1992). Internationalizing the University: making it work. Springfield: CBIS Federal.

[2] Bardin L (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

[3] Brasil (2003). Decreto 4875 de 11 de novembro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF.

[4] PDI/UFPI (2015). Universidade Federal do Piauí. Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2015/2019. Teresina: UFPI. Aprovado pelo Conselho Superior em 2015.

[5] Bodycott P (2009). Choosing a higher education study abroad destination: What Mainland Chinese parents and students rate as important. Journal of Research in International Education, 8: 349–373.

[6] Burns N (1989). Standards for qualitative research. Nursing Science Quarterly, 2(1): 44-52.

[7] Cubillo J, Sanchez J, Cervino J (2006). International students decision-making process. International Journal of Educational Management, 20:101–115.

[8] Cooper H (1998). Synthesizing research, 3rd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE.

[9] De Wit H (Ed.) (1995) Strategies for Internationalization of Higher Education: A comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America. Amsterdam: European Association for International Education.

[10] De Wit, H (2002) Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: A Historical, Comparative, and Conceptual Analysis. Greenwood Press, Westport, CT.

[11] Earnest GW (2003). Study abroad: A powerful new approach for developing leadership capacities. Journal of Leadership in Education, 2(2):1-11.

[12] Giroux, HA (2004). Critical Pedagogy and the Postmodern/Modern Divide: Towards a Pedagogy of Democratization. Teacher Education Quarterly, 31(1): 31–47.

[13] Guba EG, Lincoln YS (1981). Effective evaluation. San Francisco: Jossey-Bass.

[14] Hurtado S (2005). The Next Generation of Diversity and Intergroup Relations Research. Journal of Social Issues, 61(3): 595–610.

[15] Knight J. (1994). Internationalization: Elements and checkpoints. Ottawa: Canadian Bureau for International Education.

[16] Kelleher A (1995). One World, Many Voices. Liberal Education, vol. 77.

[17] Manzini EJ (2004). Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos. A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC.

[18] Maringe F, Carter S (2007). International students' motivations for studying in UK HE. Insights into the choice and decision making of African students. International Journal of Educational Managemen, 21(6): 459-475.

[19] Mcmahon ME (1992). Higher education in a world market: A historical look at the global context of international study. Higher Education, 24: 465-482.

[20] Mazzarol T, Soutar G (2002). "Push-pull" factors influencing international student destination choice. International Journal of Educational Management, 16(2): 82–90.

[21] Mazzarol T (1998). Critical success factors for international education marketing. International Journal of Educational Management, 12(4): 163-175.

[22] Nye J (2005). Soft Power and Higher Education, Harvard University, p. 14.

[23] Obst D, Forster J (2007). Perceptions of European higher education in third countries: Country report: USA. New York, NY: Institute of International Education.

[24] OECD (2016), Education at a Glance 2016: OECD Indicators, OECD Publishing, Paris. http://dx.doi.org/10.187/eag-2016-en

[25] Oviatt BM, Mcdougall PP (2005). Defining international entrepreneurship and modeling the Speed of Internationalization. Entrepreneurship Theory & Practice, 29(5): 537–553.

[26] Paige M, Fry G (2005). Beyond immediate impact: Study abroad for global engagement (SAGE): University of Minnesota.

[27] Pappu R, Quester PG, Cooksey RW (2006). Consumer-based brand equity and country-of-origin relationships:

Some empirical evidence. European Journal of Marketing, 40(5/6): 696-717.

[28] Peacock N, Harrison N (2009). It's so much easier to go with what's easy: "mindfulness" and the discourse between home and international students in the United Kingdom. Journal of Studies in International Education, 13(4): 487-508.

[29] Pimpa N (2003). The Influence of Family, Peers, and Education Agents on Thai Students' Choices of International Education. Journal of Studies in International Education, 7(2): 178-192.

[30] Qiang Z (2003). Internationalization of Higher Education: towards a conceptual framework. In Policy Futures in Education, 1: 248-270

[31] Robson C (2011). Real world research. 3rd ed. Chichester: Wiley.

[32] Rowley J (1997). Beyond service quality dimensions in higher education and towards a service contract. Quality Assurance in Education, 5(1): 7-14.

[33] Silva JPS (2014). Decision-making process in Portuguese Erasmus student mobility: case study. Master's thesis, Universidade de Aveiro. Disponível em:http://hdl.handle.net/10773/15742

[34] Tan A (2014). Higher Education Institution Choice Behaviors of International Students on U.S. College Campuses. Theses & Dissertations.

[35] Zha Q (2003). Internationalization of Higher Education: Towards a Conceptual Framework. Policy Futures in Education, 1(2): 248-270.